

O futuro hoje, na ponta do dedo

Cento e seis milhões de brasileiros vão às urnas, sendo mais da metade às eletrônicas

Aziz Filho

Os 106.101.067 brasileiros aptos para votar protagonizam hoje uma experiência inédita nos 109 anos da História da República. Pela primeira vez, a Constituição permite a reeleição do presidente e dos governadores. Também pela primeira vez, a maioria do eleitorado (56%), um dos maiores do mundo, escolhe seus governantes no teclado da urna eletrônica. O índice faz da eleição no Brasil, segundo o Tribunal Supe-

Sergio Tomisaki

rior Eleitoral (TSE), a mais informatizada. No ringue central da política, no entanto, o cenário não é inédito. O vencedor de 94 chega ao dia D como favorito para vencer no primeiro turno. O principal adversário do tucano Fernando Henrique Cardoso é o mesmo de 94: Luiz Inácio Lula da Silva, líder do maior partido da oposição, o PT.

O tamanho do eleitorado não é o único número grandioso de hoje. Difícilmente algum país tenha tantos candidatos se submetendo à vontade do eleitor num só dia. São, precisamente, 14.415 — 12 a presidente, 151 a governador, 167 a senador, 3.417 a deputado federal, 10.668 a estadual ou distrital. Em disputa estão 1.627 cargos: o de presidente, 27 de senadores, 27 de governadores, 513 de deputados federais e 1.059 de estaduais.

Pelos gráficos dos institutos de pesquisa, com poucas oscilações, o placar final do jogo pelo Palácio do Planalto deverá ser semelhante ao de 94, quando o tucano recebeu 44,1% dos votos e o petista, 22%. E não terá sido por falta de alterações no quadro das alianças, com todos os grandes partidos aglutinados em torno de dois competidores.

Em 94, o PPB lançou Esperidião Amin, o PMDB se arriscou com Orestes Quércia e o PDT, com Leonel Brizola. Este ano, o PPB está com o presidente,

ao qual o PMDB aderiu informalmente, e Brizola engrossou as fileiras de Lula como vice. Só um terceiro candidato, o ex-ministro Ciro Gomes, ameaçou romper a barreira dos dois dígitos. Sustentado por legendas inexpressivas (PPS, PL e PAN), Ciro chega ao último dia com pouco fôlego para ajudar a empurrar a eleição para o segundo turno.

Logo no início do ano, Governo e oposição deixaram claro que os avanços e as mazelas da economia dariam o tom da campanha. A oposição ainda ensaiou fazer de temas sociais seu carro-chefe, mas, com o agravamento da crise mundial no meio do ano, retomou o combate radical à política econômica. A decisão se deu logo após o único e curto período de inferno astral do presidente-candidato.

O presidente, que em janeiro já aparecia com 40% das intenções de voto, contra 35% dos adversários, teve de trabalhar com a hipótese de dois turnos quando a pesquisa do Ibope entre 8 e 13 de maio alterou o placar. No mês em que o presidente provou o gosto amargo de um baixo reajuste do salário-mínimo junto com o desemprego e a seca no Nordeste, caiu para 37%, um ponto abaixo da soma dos demais. Lula chegava a 23%. No fim do mês, os adversários somavam dez pontos a mais, Fernando Henrique caía para 33% e Lula subia para 28%.

O susto do Planalto durou pouco. No fim de junho, a vantagem dos adversários recuava para dois pontos, com o presidente em 36%. Realçando o discurso da estabilidade — novamente remetendo o eleitor para 94 — e de sua capacidade para enfrentar a crise, ele recuperou o terreno. No início de julho, chegou a 42%. Manteve-se com uma boa margem sobre os adversários até o fim. Seu melhor desempenho foi obtido na segunda quinzena de setembro, quando chegou a 49%, uma vantagem de 17 pontos sobre os demais. Lula caía para 22%. ■

Ailton de Freitas

"Falei de um Brasil que conheço. Os banqueiros e agiotas que esperem: vou governar para os pobres"

LUÍZ INÁCIO LULA DA SILVA

"Não pode ser a recôndita torcida do quanto pior, melhor. Para nós, quanto melhor, melhor"

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

OS CANDIDATOS Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso repetem hoje, nas urnas, o mesmo embate de quatro anos atrás. Em 94 o tucano recebeu 44% dos votos e o petista, 22%

